

Tristes Trópicos

A foto do presidente francês Jacques Chirac, no Palácio Eliseu, apertando a mão do cacique Raoni, publicada nos jornais brasileiros de quarta-feira, é bem sintomática da visão exótica dos estrangeiros a respeito da situação dos índios. A expressão risonha de Chirac diz tudo e ele prontamente ofereceu apoio de seu governo à criação de uma aldeia indígena *high-tech* na floresta amazônica.

O acesso pacífico e fácil dos índios brasileiros aos altos escalões sobretudo europeus, com toda sua carga exótica e a plumagem colorida, contrasta com as dificuldades de relacionamento destes mesmos indígenas com os símbolos de poder no Brasil. Disto são exemplos a maneira ríspida com que o índio Henrique Suruí, de flecha em riste, ameaçou no Congresso o senador Antônio Carlos Magalhães (recebendo o troco na mesma moeda) e depois, durante a missa na Praia de Coroa Vermelha, na Bahia, de celebração dos 500 anos do descobrimento, quando um jovem pataxó, de costas para o celebrante, enviado especial do papa, afirmou: "São 500 anos de sofrimentos, massacres, exclusão, preconceito, de exploração, de extermínio de nossos parentes, aculturação, estupro de nossas mulheres, devastação de nossas terras."

A simples enumeração de crimes cometidos pelos brancos contra os índios, durante os últimos cinco séculos, por si só, além dos exageros de quem se sente confiante de defender uma causa justa, justifica os estereótipos vigorantes no estrangeiro sobre o relacionamento de índios e brancos no Brasil. Entre estes estereótipos se destaca o item *extermínio*, entendido como comportamento permanente desde a época da chegada de Cabral, justificando a histeria sobretudo das ONGs dedicadas à causa indígena.

No entanto, estudos da Funai mostram que a população indígena brasileira passou de 100 mil (ou 180 mil) nos anos 70 para 350 mil no fim do ano passado – uma taxa de natalidade que chega a ser 10% acima da média nacional. Isto é, segundo os estudos da Funai, a cada 20 anos a população indígena praticamente está dobrando, inversão radical da tendência histórica de extinção das tribos – fato inédito em todo o mundo. Problemas, é claro, existem, entre as 220 etnias e 180 línguas reconhecidas no Brasil, distribuídas em 11,5% do território nacional. Terra o índio tem, mas ainda faltam saúde, definição de limites territoriais com os brancos e principalmente o Estatuto do Índio para definir política diferenciada para cada tribo. De fato, hoje é incongruente pensar em índio como um todo, da mesma forma que é inaceitável, por ser bizarro, raciocinar em termos de "nações indígenas", no sentido de que são os legítimos donos do território nacional, de onde os brancos, nesta altura dos acontecimentos, deveriam se retirar na qualidade de intrusos...

Os 500 anos do descobrimento propotacionaram a discussão desses problemas, mas, entre os prós e os contras, predominaram os contras, com toda a carga negativa na História brasileira. Dada sua situação social, de fato as tribos indígenas não têm muito o que celebrar, sobretudo no que se refere à educação. Embora seja possível encontrar índios em 24 estados, só dois, Minas e Mato Gros-

so, têm política de educação indígena estruturada. Além disso, como salientou o presidente demitido da Funai, é impossível conciliar mineração com preservação da cultura de algumas tribos que não assimilam esse tipo de atividade econômica.

Isso tudo seguramente não justifica a ira de um historiador segundo o qual o que se passou no Brasil desde 1500 foi a conquista com genocídio dos índios, seguida de colonização com escravidão africana: "Daí viemos, em cima disso foram construídos os alicerces de nossa sociedade!" Houve violência, no Brasil e em outros países das Américas, não só contra os índios, mas também contra os escravos negros e os próprios brancos inferiorizados na escala social, mas isso não pode desqualificar por inteiro a obra conjunta de brasileiros e ibéricos na construção do Brasil e das suas nações irmãs. Nem muito menos a devolução de *todo* o território aos seus *legítimos donos*...

Com o tempo, a situação dos índios se perfilhou ao lado dos estereótipos do carnaval, das mulatas e do futebol como constituintes de um retrato do Brasil como o turista estrangeiro gostaria de vê-lo. Esse estereótipo nasceu há exatamente 500 anos quando Pero Vaz de Caminha, na sua carta ao rei de Portugal, criou uma espécie de mitologia do Brasil sem passado, lugar vazio, uma página em branco a ser preenchida. Os habitantes originais da terra andavam nus, fora das normas cristãs, sem a menor vergonha, e assim permaneceram até agora. Segundo Caminha, eles não tinham cultura, as línguas faladas por eles não eram consideradas como tal, não sabiam cultivar a terra e viviam apenas de caça, pesca e colheita de frutos. Curiosamente, no século XX, a propaganda militar dos anos 60 e 70 encorajou a ocupação da Amazônia, mito da floresta virgem (território indígena por excelência) como algo semelhante a um *slogan* que falasse em terra sem povo para um povo sem terra...

Como resposta aos excessos ditatoriais, sobretudo nos anos 70, alguns historiadores passaram a escrever a "História nova", uma espécie de anti-história que entre outras coisas passou a ver no mundo branco a fonte de todos os horrores. O discurso dos novos historiadores, justificado como reação ao autoritarismo oficial, abria fogo contra os conquistadores brancos e tomava o partido dos índios e dos negros, enfatizando repressões, torturas e massacres. Reagia-se assim às falcatruas da História oficial e à mitologia de que os brasileiros construíram, nos (tristes) trópicos, um modelo de "democracia racial". Era uma reação necessária, sobretudo com o pano de fundo do regime militar, mas suas conclusões, vistas agora com distanciamento crítico, parecem datadas.

A tese do mundo branco como fonte de todas as desgraças não se sustenta mais, simplesmente porque já cumpriu sua função histórica. Meias-verdades não podem mais ser confundidas com meias-mentiras. Nos anos 70, conta-se que um antropólogo da Funai informou a um xavante: "A Terra é redonda e gira." O xavante, simples e claro, respondeu: "Se você quiser brincar, pode brincar. Mas não pode mentir..."